

IV Congreso de la Red Internacional de Migración y Desarrollo

Crisis global y estrategias migratorias:

hacia la redefinición de
las políticas de movilidad

18,19 y 20 de mayo de 2011 - FLACSO - Quito, Ecuador



INTERCÂMBIOS ECONÔMICOS, SEXUAIS E AFETIVOS TRANSNACIONAIS: BRASILEIRAS NOS MERCADOS GLOBAIS DO SEXO

Adriana Piscitelli. Unicamp, pisci@uol.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste texto abordo a problemática geral da mesa redonda “Gênero e sexualidades na experiência migratória”, analisando as trocas sexuais, econômicas e afetivas que têm lugar em deslocamentos internacionais vinculados aos mercados globais do sexo. Tomo como referência circulações de brasileiras das camadas baixas e médias baixas¹ para países do Sul da Europa.

Esclareço que utilizo a expressão mercados do sexo (Agustin, 2005; 2007) considerando que ela remete a uma noção de economia em termos amplos, no sentido de intercâmbios materiais e simbólicos entranhados no social². Do meu ponto de vista, essa noção é mais abrangente que conceitualizações como prostituição e indústria do sexo³. No Brasil, os jogos de oferta e demanda de sexo e sensualidade envolvem diferentes tipos de intercâmbios. Alguns remetem à prostituição, no sentido de acerto explícito de dinheiro por serviços sexuais e, às vezes, têm um caráter mais “artesanal”⁴ do que industrial (Olivar, 2010). Paralelamente, existem outros intercâmbios nos quais sexo e benefícios econômicos são trocados em relacionamentos parcialmente mercantilizados,

¹ Refiro-me a mulheres que integram o que em Brasil costumam ser denominados grupos populares/working class. Essas mulheres são originárias de diversas regiões do país, estão na faixa dos 20 a 50 anos, têm majoritariamente estudos secundários incompletos, embora algumas só tenham feito a escola primária e apenas uma iniciou estudos superiores. No Brasil desempenhavam diversas ocupações que não rendiam salários elevados: manicures, cabeleireiras, garçonetes, cozinheiras, professoras da rede pública de ensino, balconistas de comércio, arrumadeiras de hotéis e trabalho sexual. Apenas 4 mulheres, em um universo de 38 migrantes se consideram negras ou mulatas. As restantes se pensam, em termos dos critérios raciais imperantes no Brasil, como brancas ou morenas claras, embora todas se sintam afetadas pelos critérios de racialização imperantes na Europa. Estou chamando a atenção para o fato de que não se trata de mulheres afetadas pelos maiores graus de desigualdade no país. No Brasil, hoje, se considera que, entre os 190 milhões de habitantes, 16 milhões são afetados pela extrema pobreza, com renda de até 70R\$ mensais, (US\$40) por pessoa da família. Essas pessoas dificilmente se tornam migrantes internacionais nos fluxos a Europa. Ver: *O Estado de São Paulo*, 4/05/2011. “Plano de Dilma para erradicar pobreza tem 16 milhões de brasileiros como alvo”.

² Agradeço a José Miguel Nieto Olivar a discussão sobre este ponto.

³ Esse termo é utilizado para designar a estrutura organizativa vinculada ao sexo comercial, destacando sua solidez, as forças econômicas e os interesses que a impulsionam, a diversidade e dimensão desses negócios e suas inter-relações com outras grandes indústrias, tais como cadeias de hotéis, turismo e tecnologia de informação (Lim, 2004; Agustín, 2001; Weitzer, 2000). A idéia é que o que há de novo nessa indústria é a crescente estrutura comercial e empresarial da obtenção de lucro, a escala desses lucros, a diversificação de modalidades de serviços sexuais envolvidos, e o lugar fundamental que os meios tecnológicos têm na sua expansão.

⁴ No sentido em que as pessoas oferecem serviços sexuais de maneira autônoma, fora de estruturas organizadas e, com certa frequência, de maneira ocasional.

que não são vistos como prostituição. A noção de mercados do sexo aqui proposta possibilita pensar nesse conjunto de trocas. Neles, intercâmbios vinculados a diferentes modalidades de prostituição coexistem com outros estilos de trocas, em contextos nos quais há múltiplas manifestações de mercados, comércio, dádiva e intercâmbios.

Considero como sexo, práticas econômicas e afeto se articulam nas experiências de brasileiras que ingressam em setores desses mercados marcados pela transnacionalização. Refiro-me a um processo associado à circulação através das fronteiras de visitantes estrangeiros em busca de sexo no Brasil e às viagens vinculadas à oferta de sexo de brasileiras ao exterior, no âmbito do qual se estabelecem relações complexas entre diversos locais, incluindo redes e laços sociais entre o local de origem e os diferentes destinos (Agustín, 2001, 2005; Enloe, 2000; Thorbek, 2002; Piscitelli, 2005). Presto particular atenção ao sexo utilizado de maneira tática (Cabezas, 2009), isto é, à utilização do sexo e do afeto para aliviar necessidades econômicas, que pode envolver trabalho sexual, mas sem um compromisso a longo prazo com essa atividade.

Baseio-me numa etnografia multisituada, realizada em diferentes fases ao longo da década de 2000, com o fim de compreender a integração das mulheres brasileiras nesses mercados. Minha primeira aproximação ao tema foi uma análise de uma modalidade de “turismo sexual”, no litoral do Ceará, no Nordeste do Brasil (Piscitelli, 2004; 2007)⁵. Optando pela estratégia de “seguir as pessoas” (Marcus, 1995), acompanhei depois as trajetórias de brasileiras que migraram a Itália acompanhando ou convidadas por homens que conheceram nesses circuitos de “turismo sexual”, principalmente em Fortaleza, capital do Ceará, a maior parte das quais casou com italianos e se afastou dos mercados do sexo (Piscitelli, 2008)⁶. As seguintes fases da pesquisa consideraram as experiências de brasileiras que migraram a Espanha, oferecendo serviços sexuais nesse

⁵ Esse estudo foi desenvolvido durante 18 meses, durante várias “altas temporadas”, particularmente no período 2000/2008. O “campo” envolveu um intenso trabalho etnográfico, combinando observações, conversações não estruturadas e a realização de entrevistas em profundidade com 94 pessoas, incluindo homens e mulheres estrangeiros/as e homens e mulheres nativos/as envolvidos/as em relacionamentos transnacionais e agentes vinculados pelo seu trabalho ao turismo e à prostituição no Estado do Ceará.

⁶ Essa fase do trabalho de campo teve lugar na Itália, entre maio e julho de 2004, e durante algumas semanas em 2005 e 2006, em Fortaleza, onde encontrei parte dos casais que entrevistei na Itália. Os dados foram obtidos através de observação, entrevistas em profundidade e do levantamento de diversas fontes. Realizei entrevistas em com 8 brasileiras que migraram a partir do contexto do turismo sexual em Fortaleza e com 4 brasileiras, casadas com italianos, que migraram a partir de outros contextos e entrevistas com 5 maridos italianos. Das mulheres que migraram a partir de Fortaleza, a metade fez parte do meu universo de entrevistadas na pesquisa realizada nessa cidade e as restantes integravam suas redes de relações. Elas encontraram seus parceiros trabalhando nos circuitos de turismo sexual em Fortaleza, embora nem todas se considerassem trabalhadoras sexuais. As entrevistas realizadas na Itália tiveram lugar em diversos bairros de Milão e em cidades relativamente próximas: Abbiategrosso, Voghera e em Verona. O trabalho envolveu também visitas a organizações não-governamentais dedicadas ao trabalho de combate a prostituição e tráfico, entrevistas semi-estruturadas com 8 pessoas-chave vinculadas a essas instituições e com agentes do Consulado Brasileiro em Milão.

país (Piscitelli, 2009; 2009a).⁷ Finalmente, investiguei as articulações entre mercados do sexo e matrimoniais (Piscitelli, 2011).

Sintetizando, todas as entrevistadas contempladas neste texto partiram de contextos dos mercados do sexo no Brasil, mas a maioria das que migrou para Itália os abandonou através do casamento, enquanto as que se dirigiram a Espanha predominantemente permaneceram neles, inclusive as que casaram ou passaram a conviver com homens espanhóis. Assim, no processo de “seguir as pessoas” acompanhei os caminhos seguidos por essas brasileiras em diferentes cidades e países, em espaços de trabalho dentro e fora dos mercados do sexo e em diferentes cenários de sociabilidade.

Quando iniciei o trabalho etnográfico, as questões que o orientavam não tinham relação com a problemática do tráfico internacional de pessoas com fins de exploração sexual. Essa tema, porém, foi se impondo na medida em que fui percebendo que nos debates nos quais ia apresentando os resultados das pesquisas, cada vez que eu falava dessas migrantes, meus comentários eram ignorados e o termo migração era quase invariavelmente transformado em tráfico. Vale observar que, no Brasil, essas discussões começaram a suscitar intensa preocupação a partir do “novo” fenômeno do turismo sexual, no Nordeste do país, na década de 1990 e se acirraram nos anos 2000, quando a ratificação do Protocolo de Palermo coincidiu com a intensificação da migração de brasileiras em direção a Europa.

No país, esse debate tende a considerar os relacionamentos sexuais e afetivos entre turistas estrangeiros e brasileiras de classes baixas como prostituição e a fundir essa problemática, assim como a migração internacional vinculada aos mercados do sexo, com tráfico internacional de pessoas com fins de exploração sexual e para o casamento servil⁸. A percepção dos efeitos negativos dessa discussão em diversos âmbitos,

⁷ Essa fase do trabalho de campo, realizado em diversos momentos entre finais de 2004 e inícios de 2011, em Madri, Bilbao, Granada e, principalmente, Barcelona, e incluiu observação em entidades que apóiam trabalhadoras/es do sexo, em espaços destinados à oferta desses serviços na rua, em apartamentos e clubes; entrevistas em profundidade com 18 mulheres e 5 travestis brasileiras, com 5 clientes e 4 proprietários de estabelecimentos voltados para prostituição. Também foram realizadas entrevistas em profundidade com 28 agentes vinculados a diversas entidades de apoio a migrantes e/ou a trabalhadoras do sexo, funcionários dos Consulados de Brasil em Barcelona e em Madri, ao representante legal da Associação Nacional dos Clubes de Alterne em Barcelona e a funcionários da Comisaría de Extranjería. A pesquisa também incluiu a análise de fontes e material secundário de uma página web espanhola destinada a clientes de prostituição.

⁸ Essa denominação re-cria e dota de sentido diferente à idéia de casamento como prática análoga à escravidão. Na Convenção Suplementar Sobre Abolição da Escravidura, do Tráfico de Escravos e das Instituições e Práticas Análogas à Escravidura, das Nações Unidas (1956) considera-se análoga à escravidura toda instituição ou prática em virtude da qual: 4. Uma mulher é, sem que tenha o direito de recusa, prometida ou dada em casamento, mediante remuneração em dinheiro ou espécie entregue a seus pais, tutor, família ou a qualquer outra pessoa ou grupo de pessoas; 5. O marido de uma mulher, a família ou clã dêste têm o direito de cedê-la a um terceiro, a título oneroso ou não; 6. A mulher pode, por morte do marido, ser transmitida por sucessão a outra pessoa.

inclusive na produção de conhecimento, me fez compreender a impossibilidade de ignorar essa problemática. Optei por enfrentá-la, desenvolvendo algumas fases da pesquisa na Espanha, precisamente porque esse país era e ainda é considerado como uma das principais rotas e destinos do tráfico de brasileiras (Piscitelli, 2008^a; 2010).

A etnografia realizada, porém, me conduz a afirmar que, ao reduzir esses deslocamentos através das fronteiras a esse tipo de tráfico, essas discussões obscurecem as dinâmicas migratórias dessas mulheres, assim como a relevância, o caráter e os significados concedidos às trocas sexuais e econômicas estabelecidas por essas brasileiras nos mercados globais do sexo. Em outros escritos mostrei aspectos dessas dinâmicas migratórias, chamando a atenção para como as mais recorrentes modalidades de viagens, entre as entrevistadas, se afastam das formulações de tráfico de pessoas (Piscitelli, 2009).⁹ Neste texto, centrado nas trocas sexuais e econômicas estabelecidas por essas mulheres, meu principal argumento é que, contrariamente à idéia de “novas formas de exploração sexual” presentes no debate sobre tráfico internacional de brasileiras com fins de exploração sexual, esses intercâmbios remetem a re-configurações de práticas e noções difundidas entre as classes baixas e médias baixas em diferentes partes do Brasil. Na alteração de contextos, essas práticas se modificam e as noções a elas vinculadas adquirem novos sentidos. E essas re-configurações fazem parte da construção de espaços de agência feminina.

O pressuposto que orienta a análise está presente nas recentes leituras críticas sobre as relações entre mercados globais do sexo, turismo e migração (Cabezas, 2009; Padilha, 2007; Kempadoo, 2004). Essas perspectivas chamam a atenção para como essas relações remetem à articulação entre padrões sócio-históricos de organizações locais da sexualidade e formas emergentes de sexo instrumental. A idéia é que essas últimas estão vinculadas a alterações em ampla escala na economia política global, como a expansão da aviação comercial e o investimento de capitais multinacionais em turismo nos países do Sul, e também ao desenvolvimento de novos métodos para mercantilizar a

⁹ As narrativas dessas mulheres remetem para quatro modalidades de viagens, duas das quais não envolvem dívidas e acionam um reduzido número de contatos. São as viagens intermediadas por namorados estrangeiro e os deslocamentos realizados de maneira autônoma. As dívidas aparecem como uma constante numa terceira modalidade, que envolve redes mais amplas, com diversos intermediários. São as viagens financiadas pelos clubes da Espanha. Finalmente, o quarto estilos de viagem, que aparece com maior frequência nos relatos, é o deslocamento realizado mediante redes informais, envolvendo um reduzido número de pessoas, alguma amiga, conhecida ou parente. Ele pode envolver ou não a obrigação de devolver o dinheiro investido na viagem. De acordo com o Protocolo de Palermo, várias dessas modalidades de viagens estariam fora da vinculação com o tráfico internacional de pessoas. As viagens financiadas pelos proprietários de clubes são as que mais se aproximam à idéia de grupos organizados transnacionalmente. Mas, as narrativas das entrevistas não necessariamente remetem a coação, restrição da liberdade, a trabalhos forçados nem a engano sobre a atividade a ser realizada no exterior. O principal aspecto que aproxima esse tipo de viagem à idéia de fraude ou engano é não saber o valor da dívida contraída até chegar ao destino. Contudo, a idéia de tráfico de pessoas, mesmo nesses casos, resulta redutora quando é confrontada com as práticas e conceitualizações das entrevistadas.

sexualidade em escala global, incorporando tecnologias como a internet e redes de consumo de sexo virtual.

Neste texto dialogo com essas abordagens a partir da perspectiva criada pelo trabalho etnográfico que, por seu caráter multisituado e longitudinal, possibilitou acompanhar as alterações em diferentes cenários e ao longo do tempo. E também dialogo com as perspectivas que separam mercados do sexo e do casamento e com as abordagens que tratam dos efeitos da globalização na conformação desses mercados, na mercantilização da intimidade e na circulação dos afetos entre “Norte” e “Sul”. Nas primeiras partes do texto apresento as diferentes modalidades de intercâmbios sexuais e econômicos acionados por essas brasileiras. Considero depois como essas trocas se alteram nos cenários transnacionais e nos processos migratórios. Finalmente, a partir do material apresentado, dialogo com as linhas de discussão mencionadas, problematizando alguns dos seus aspectos.

FRONTEIRAS

Deparei-me com a utilização do sexo para “melhorar de vida” mediante relacionamentos não isentos de afeto nem de prazer com homens de países “ricos”, quando iniciava a primeira fase dessa etnografia. No início da década de 2000, as alusões a essas práticas foram introduzidas por uma entrevistada durante o trabalho de campo que fiz nos circuitos turísticos de Fortaleza, momento no qual essa cidade era considerada um dos novos centros de “turismo sexual” no Brasil. Ela tinha pouco mais de 20 anos. Tinha nascido numa cidade do interior, pequena e pobre, onde, aos 14 anos, engravidou do namorado. Rejeitada por ele e também pela família, deixou a filha recém nascida com a mãe e foi trabalhar como babá, cuidando dos filhos de outras pessoas, em Fortaleza. Quando essas crianças cresceram, acabou esse emprego. Procurando outro trabalho, descobriu que alguns dos bares noturnos, no setor turístico, ofereciam uma das escassas oportunidades para que alguém com apenas ensino fundamental obtivesse uma renda superior ao salário mínimo.

Ela começou a trabalhar na discoteca que, na época, era tida como principal lugar de encontro entre estrangeiros e mulheres *da terra*. Enquanto trabalhava como garçonne, ela foi descobrindo o encanto dos namoros com os turistas internacionais. Esses homens, disputados por mulheres de diferentes idades, classes sociais e profissões, inclusive por meninas que se consideravam prostitutas, eram chave para que mulheres como minha entrevistada, de setores baixos, acessem aos espaços de lazer das camadas mais altas, a vestidos caros, perfumes importados, salões de cabeleireiro e também a almejadas viagens para o exterior.

Procurando pessoas conhecidas entre os transeuntes no calçadão próximo à discoteca, no meio da confusão criada por vendedores, artistas ambulantes, músicos, luzes e cheiros, e olhando as garotas que lançavam olhares sedutores aos turistas estrangeiros, ela refletiu sobre os relacionamentos entre eles e elas:

As mulheres dos países deles não são dependentes, tem o dinheiro delas, carro, liberdade. Não precisam de um homem para ir a um bar. Brasileira, precisa. Eles gostam disso, e elas, as brasileiras, gostam que eles tomem conta. Delas olhar algo e dizer: que bonito! E eles comprarem para elas. Eles gostam dessa dependência e elas gostam do jeito deles... Nem precisa ser bonita... Pode ser de *programa*. Não tem importância. Só precisa ser morena...

Esse comentário é sugestivo em diversos sentidos. Introduzindo o termo *programa* que, no Brasil, remete à prostituição, ele alude à participação nesses relacionamentos de mulheres categorizadas como prostitutas e a outras que não são assim considerados. Essa distinção destoava da percepção generalizada na cidade, que fundia “turismo sexual” e prostituição. No decorrer da pesquisa fui percebendo que a crescente presença de estrangeiros à procura de sexo e também de relacionamentos afetivos nas praias de Fortaleza estava conduzindo a um novo traçado de fronteiras no que era localmente considerado como prostituição.

No Brasil, há uma longa história de interpenetrações entre economia e sexualidade. Ela se expressa na convivência entre diferentes modalidades de intercâmbios sexuais e econômicos, que são diferenciados de acordo com o grau, mais ou menos completo, de mercantilização. De um lado, há uma tradição de trocas de favores sexuais por diferentes benefícios que possibilitam uma relativa mobilidade social, que não são considerados como prostituição e, até certo ponto, são positivamente avaliados. Essas trocas coexistem com a prostituição, no sentido de contratos explícitos de intercâmbio de sexo por dinheiro essa sim, estigmatizada.

A re-criação desses intercâmbios com os turistas estrangeiros, possibilitando que garotas de camadas mais baixas atravessassem barreiras de classe e raciais e, até migrassem a países “ricos”, alterou essas práticas e dotou elas de novos significados. Em termos da *sociedade local*, em um procedimento que aciona classificações vinculadas a classe social e cor, as trocas incompletamente mercantilizadas, quando envolvem garotas mais pobres e/ou consideradas de pele mais escura, também passaram a ser vistas como prostituição. As meninas desses setores sociais que se relacionam com turistas, porém, diferenciam as trocas sexuais completamente mercantilizadas daquelas que não o são. As distinções traçadas pela minha entrevistada remetiam a essas diferenças, que eram atualizadas no marco das novas práticas presentes no cenário do turismo internacional.

Essas diferenciações delinearão-se ainda com maior nitidez quando mudei de cenários e passei primeiro a acompanhar os percursos de várias dessas garotas em Milão, onde algumas casaram com turistas que conheceram no Brasil e, depois, a inserção de migrantes brasileiras em espaços altamente mercantilizados da indústria do sexo na Espanha, principalmente em Barcelona. Percebi então como as distinções entre modalidades de intercâmbios sexuais eram novamente atualizadas, adquirindo diferentes sentidos nos contextos migratórios. E percebi também como minhas entrevistadas **transitavam** entre umas e outras modalidades de intercâmbios nesses cenários.

As fronteiras entre essas trocas se delineiam a partir das distinções associadas a duas noções “nativas”, *programas* e *ajuda*. Compreender o sentido que essas conceitualizações adquirem em cenários de encontros sexuais transnacionais requer prestar atenção a como elas têm operado no Brasil.

PROGRAMAS E AJUDA

No país, a expressão *programa* é um termo genérico que alude a acordos explícitos de intercâmbios de serviços sexuais por dinheiro, envolvendo práticas e lapsos de tempo delimitados, que podem ter diferentes valores, dependendo do “nível” de prostituição. Em um passado recente, a expressão *garotas de programa* foi utilizada para designar prostitutas e também, em sentido amplo, mulheres de conduta sexual estigmatizada (Gaspar, 1985). No âmbito das modificações em curso relativas às práticas sexuais femininas, das quais Maria Filomena Gregori (prelo) oferece excelentes exemplos, porém, o termo *programa* tende a ser restringido à prostituição.

No Brasil, alguns autores situam a prostituição no leque de práticas sexuais que, objeto de intensa repressão no passado, está sendo relativamente normalizadas (Fonseca, 2004; Duarte, 2004). Nesse ponto, vale a pena considerar uma série de movimentos significativos.¹⁰ A atividade de *profissional do sexo* foi integrada na Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e Emprego¹¹, em 2002. Paralelamente, algumas organizações de prostitutas vêm ocupando considerável espaço na mídia, adquirindo visibilidade. Ao mesmo tempo, no mercado editorial foram lançados novos livros escritos por prostitutas, alguns dos quais trazem seções “didáticas”, destinadas a mulheres que não são prostitutas, transmitindo a elas um saber sobre práticas que, vinculadas décadas atrás à prostituição, aparecem hoje destinadas ao repertório sexual das “mulheres comuns” (Leite, 1992; 2009; Brasil, 2003; Surfistinha, 2005; Gregori, 2006).

¹⁰ No país, Pelo Código Penal (capítulo 5 artigos 227 a 231), a prostituição que envolve pessoas maiores de 18 anos não é considerada crime. Somente sua exploração ou lenocínio é crime.

¹¹ <http://www.mteco.gov.br/busca/condicoes.asp?codigo=5198>, consultado em 12 de agosto, 2006.

Nesse processo, comportamentos e práticas sexuais femininos que, anos atrás, poderiam ter sido consideradas altamente estigmatizantes, hoje não necessariamente o são. Mas, isto não significa que a prostituição tenha deixado de ser considerada uma prática específica, nem estigmatizada.

No Brasil há uma diversidade de modalidades de prostituição. Os *programas* são realizados em diferentes espaços, rua, apartamentos, bordéis, zonas, casas de massagens, com diferentes graus de organização, com ou sem intermediários. Em Fortaleza, no âmbito da prostituição voltada para consumidores brasileiros, as práticas das trabalhadoras sexuais frequentemente remetem à idéia de divisão de *selvas* públicos e privados, identificada com o paradigma moderno da prostituição (Bernstein, 2007). Isto envolve, sobretudo, a delimitação de áreas do corpo e práticas a serem utilizadas no sexo comercial e a *utilização de nomes de batalha* diferentes dos que usam na vida privada. Essas modalidades de trocas sexuais e econômicas às vezes envolvem afeto e prazer. No entanto, assim como em outros centros urbanos brasileiros, uma das idéias vigentes nesse âmbito (Pasini, 2000), é que o profissionalismo envolve separar trabalho de amor, no relacionamento com os clientes.

Ajuda é uma noção amplamente difundida nas classes baixas e médias baixas do Brasil. Ela remete a contribuições econômicas que, embora consideradas relevantes, não constituem a principal fonte de recursos para a subsistência (Gregg, 2006). No marco de relacionamentos sexuais e afetivos, a ajuda é frequentemente trocada por sexo, não necessariamente dissociado de afeto. Essas relações que, nas leituras locais, não são vistas como prostituição, têm conotações de sexo transaccional (transactional sex) (Hunter, 2002). E se o *programa* evoca um contrato de serviços, a *ajuda*, insere em uma tradição de intercâmbios hierárquicos, remete a noções de amparo, cuidado e afeto que se expressam em termos de contribuição para a sobrevivência econômica.

Há diferentes modalidades desse tipo de trocas. Uma dessas formas tradicionais é o intercâmbio de sexo por benefícios entre empregadas domésticas e os homens que fazem parte do núcleo doméstico dos empregadores. Nos termos de um homem de classe média, entrevistado em Fortaleza, um professor de 43 anos, que se considera branco:

Tinha 14 anos. Na minha geração, no nordeste a gente ouvia dizer assim "no Rio pode, mas no nordeste não podia" as meninas não davam nem a pau, entendeu... Éramos iniciados por prostitutas ou pela empregada da casa... O pai, o tio, os irmãos, cada qual marcava hora para ir no quarto com a empregada à noite... Então foi isso, a empregadinha, [era uma] namoradinha de certa forma.

Outra importante forma de intercâmbio sexual/econômico é a relação entre uma mulher jovem e um homem mais velho e com mais recursos econômicos, que fornece dinheiro e outros tipos de bens. O *velho que ajuda* é um meio reconhecido de mobilidade social

para diversas classes sociais. Essa figura foi descrita por Cláudia Fonseca (1996), como ideal de ascensão social para garotas de camadas populares em Porto Alegre, no Sul do Brasil, presente entre prostitutas, para as quais é um cliente que se torna freguês, fornecendo, além de pagamento regular, um amplo leque de presentes e, eventualmente, uma casa. Contudo, essa mesma figura aparece também no discurso de garotas pobres que não exercem a prostituição e sonham com o *golpe do baú*, isto é com a mobilidade social ascendente através de um relacionamento sexual/amoroso, inclusive através do casamento.

Outra variante da *ajuda* é o amante estável das mulheres de camadas baixas, homens casados que não chegam a sustentar a casa da amante, mas contribuem para aliviar a pobreza. Essa figura, analisada por Heloísa Paim (1998) em Porto Alegre, está também presente em Fortaleza. A história de Dona Maria Zelia oferece um significativo exemplo.

Ela é uma empregada doméstica, de 48 anos. Nasceu no Piauí, um estado do Nordeste do Brasil, e estudou até a quarta série. Chegou a Fortaleza muito nova. Foi trabalhar como empregada doméstica na casa de uma família. Engravidou, a dona da casa a convenceu a dar a criança. Dona Maria Zelai a deu, do qual se arrepende até hoje. Mais tarde foi morar com um policial, com quem teve dois filhos. Quando ele morreu ficou com as crianças pequenas, “passando fome”. Conheceu um mecânico, 30 anos mais velho, casado, com vários filhos. Todo início do mês, ele dá dinheiro para ela, além disso, faz “o mercantil”. Todo dia ele dá mais um dinheiro a ela, R\$10, às vezes R\$20. Ele a *ajuda* e ela já gostou muito dele, pelo sexo e pelo dinheiro. Agora, vinte anos depois, ela se aborrece muito com ele, mas quando isso acontece, ela pensa “o que seria de mim sem ele”? Ocasionalmente conhece outros homens, com os que mantêm relacionamentos sexuais, mas não se desliga do mecânico, cuja *ajuda* ainda é relevante para a subsistência dela e dos filhos, que permaneceram na escola, graças a esse auxílio.

A ajuda *possibilita* algum *futuro*, no sentido de uma vida mais confortável, em termos econômicos. O valor monetário dos presentes e as quantias de dinheiro que as mulheres recebem variam de acordo com a classe social do homem assim como de sua generosidade e do grau de envolvimento no relacionamento.

Diversos estilos de afeto permeiam essa modalidade de trocas. O amor e a escolha como base para os relacionamentos, no sentido do complexo amoroso romântico (Goode, 1959) faz parte do universo de noções desses setores sociais. Essa idéia de amor é expressada em termos como “estar apaixonada/o”, “amar”. Esse tipo de sentimento pode estar presente no âmbito da *ajuda*. No entanto, o estilo de afeto vinculado a essa modalidade de troca tende a ser expressado em outros termos, particularmente *respeito* e *consideração*. Nos termos de uma entrevistada de Fortaleza:

Sempre procurei ter casos com pessoas de condições. Que me dessem apoio... um homem de posição que pudesse me dar sustento... Meu negócio com ele não é amor. Ele é uma pessoa agradável, eu tenho respeito por ele, por ele ter me ajudado muito, admiração. Mas, não sou apaixonada por ele.

É importante destacar que esse estilo de afeto faz parte integral da constituição das famílias de classes baixas em diversas partes do Brasil. De acordo com autores que estudaram esses contextos, entre mulheres desses setores sociais, o termo “respeito” alude às obrigações sociais que sustentam a vida familiar e ele pode ser privilegiado em relação ao “prazer” (Duarte, 1987). Nos termos de Pereira (2010), há uma assimetria entre afeto e desejo que não é posta como um problema, contrapondo-se ao ideário de relacionamento da mulher de classe média – que busca se realizar tanto afetivamente como eroticamente em seus relacionamentos afetivos. E a recorrente interpenetração entre sentimentos e práticas econômicas presentes nesses setores freqüentemente se expressa em um afeto/“consideração”, que envolve diversas transações econômicas consideradas como dádivas, provisão de alimentos, dinheiro, roupas, acesso a créditos e oportunidades de emprego, dentro e fora do casamento (Rebhun, 2006; Paim, 1998).

Finalmente, *programas* e *ajuda* não são categorias excludentes, particularmente nas experiências das trabalhadoras sexuais que podem estabelecer relacionamentos baseados em umas e outras modalidades de trocas.

CENÁRIOS TRANSNACIONAIS

A transnacionalização dos mercados do sexo tem alterado as práticas e os sentidos vinculados a essas noções (*programas* e *ajuda*). Nesse processo, no marco de desigualdades estruturais, entre nações, mas também no interior delas, no qual se produzem esses deslocamentos, os intercâmbios sexuais e econômicos propiciam o contato entre *habitus* sexuais e afetivos diferentes. E esse processo tem como efeito reconfigurações das noções consideradas.

Nos circuitos turísticos de Fortaleza, no âmbito dos relacionamentos com os turistas estrangeiros, a realização de *programas* adquiriu novas conotações. Algumas trabalhadoras sexuais “profissionalizadas” não alteraram suas práticas. Mas, na fluidez que marca os circuitos percorridos pelos turistas à procura de sexo na cidade, algumas jovens que fazem *programas* optam por não estabelecer limites de tempo nem estipular o valor do intercâmbio, considerando que, dessa maneira, podem obter mais dinheiro dos estrangeiros. Nos termos de uma dessas garotas:

Nessas coisas tem que jogar, você tem que ficar como moça direita, difícil... De tudo que ele já mandou, é mais ou menos uns dez mil. Mas, porque fui muito esperta. Quase toda vez que ele ligava, eu pedia dinheiro. Duzentos, trezentos. Dólar, mil reais. Ah, eu estou doente. Ah, eu quebrei a perna. Deu um problema

no meu seio, tem que tirar. Quase acabei todas as doenças... Nunca cobrei, assim, um programa... Ele me acha a mulher mais direita do mundo.

Nesse cenário, os limites espaciais, corporais e a utilização do *nome de batalha* presentes nas versões tradicionais dos *programas* se diluem. As distinções entre os espaços voltados para os *programas* e para a vida privada se apagam, quando as garotas levam os visitantes para suas casas e as de suas famílias, assim como, às vezes, a restrição aos sentimentos. De acordo com uma jovencíssima *garota de programa*:

Esse russo é a paixão da minha vida, coroa, mas nunca gostei de garotos, louro, de olhos claros. Viaja muito, uma vez por mês, por questões de trabalho, e passa dois ou três dias em Fortaleza. No hotel, todo mundo me conhece. Ele diz que é a nossa casa. Fico arrasada quando ele vá embora, e ele se preocupa com isso, diz para eu não ficar assim... Só fico com outros quando passa a saudade.

Nesse re-configuração dos *programas*, no encontro com visitantes estrangeiros de cidades “pós-industriais” o paradigma moderno da prostituição parece dar lugar, paradoxalmente, a estilos pré-modernos de intercâmbios sexuais e econômicos, no sentido de modalidades de intercâmbios sexuais e econômicos em pequena escala, que teriam lugar nos próprios lares e/ou nas comunidades dos participantes (Bernstein, 2007). Essas diluições obscurecem as fronteiras entre modalidades de trocas nesses circuitos turísticos, transitados também por jovens empregadas em outros setores de atividade, que trocam a figura local do *velho que ajuda* por turistas estrangeiros que oferecem mais benefícios, percebidos como mais atraentes que os potenciais parceiros locais.

Nesse ponto, o recente relacionamento de Rosália, em Fortaleza, filha de Dona Maria Zelia, com um italiano, oferece um exemplo. Com 17 anos, Rosália conheceu esse estrangeiro, de 51 anos, na praia. Ele manteve contato com ela, mas só passou a “sair” com ela quando ela fez 18 anos, em abril de 2011, pois o estrangeiro não queria ter problemas em função do envolvimento com uma menor de idade. A jovem, que estava concluindo os estudos secundários com o apoio da *ajuda* recebida pela mãe, passou a “namorar” com ele. Esse homem, com negócios na cidade, visita Fortaleza de três em três meses. No relato da mãe:

Ele nos pegou de carro para que eu o conhecesse. Me deu cem reais (R\$ 100,00/U\$ 60,00), e disse assim: Está aqui 100 para a senhora porque a sua filha é muito bela e a senhora também. Ele deu para Rosália, uma sandália, uma bolsa, uma blusa vermelha, um cinto largo da moda, uma máquina de foto pequeninha, deu perfume, celular e deu dinheiro. Levou ela para passar uns dias em outra praia e depois num apartamento frente ao mar em Fortaleza. Ele disse prá mim: segure a Rosália prá mim que eu vou fazer ela muito feliz... Eu ainda recebo o Bolsa Família (auxílio do estado) no valor de 108 reais por que ela ainda estuda. Eu quero que ela continue estudando. Ele disse: comigo ela não precisa estudar.

Mas ela precisa terminar o ano e ter o diploma... Eu acho que foi Deus quem mandou [o italiano].

Essa história, articulada à da mãe, tem a relevância de mostrar a alternância entre *velhos que ajudam*, locais e estrangeiros, propiciada pela transnacionalização dos mercados do sexo em Fortaleza, em mulheres de duas gerações, na mesma família. Paralelamente, ela permite perceber como se produz uma certa distribuição familiar dos recursos originados na *ajuda* nas diferentes gerações.

É importante observar, porém, que, nesses cenários em transformação a distinção entre os intercâmbios se mantém, ancorada em uma combinação entre o caráter suplementar dos recursos envolvidos na *ajuda* para as mulheres que recebem esses benefícios e sua associação com o *cuidado* que supostamente expressam.

No trânsito entre esses espaços e os setores altamente organizados do sexo comercial na Espanha, a noção de *programa* é novamente re-configurada. Isto é particularmente evidente nos clubes que concentram elevados números de trabalhadoras sexuais, nos quais as migrantes brasileiras disputam clientes com mulheres de diversas nacionalidades, seguem normas em relação aos horários, ao tempo a ser utilizado com os clientes, ao valor atribuído a cada prática. A diferença no estilo de trabalho não é necessariamente percebida como negativa. De acordo com uma jovem que migrou a partir dos circuitos de “turismo sexual” de Natal, outra cidade do Nordeste brasileiro:

No Brasil você está toda a noite para um homem e aqui é 20 minutos... Não cansa mais, não, porque tipo, você está com uma pessoa que você não gosta, um velho barrigudo, passar a noite com esse homem? Vai ser um terror... e vários homens não, você vê um mais bonito, um mais simpático, um mais bruto, vai mudando...

O que me interessa sublinhar, porém, é que nesses espaços transnacionais o *programa* evoca um contrato de serviços de maneira ainda mais contundente do que nas versões tradicionais existentes no Brasil.

No exterior, a noção de *ajuda* acionada nos intercâmbios sexuais e econômicos **paralelos** à realização de *programas* continua aludindo a benefícios econômicos. Em fevereiro de 2011 realizei repetidas visitas a um apartamento de uma travesti brasileira no qual se oferecem serviços sexuais em Barcelona. Nele havia duas mulheres brasileiras recentemente ingressadas na prostituição, serviço ao qual decidiram dedicar-se após ter perdido seus empregos, como garçone e como babá, em função da crise econômica na Espanha. Enquanto aguardavam clientes e eram instruídas pela travesti sobre como realizarem performances de prostitutas e uma dessas mulheres, que também era manicure fazia minhas mãos, elas falaram sobre clientes, namorados e homens que as *ajudam*. A manicure conheceu um italiano através de um site de relacionamento que, quase em seguida passou a *ajudá-la*. Ela contava suas penúrias, falava sobre o aperto

econômico que estava passando, sobre a necessidade de enviar dinheiro para a filha que ficou aos cuidados da avó no Brasil. E ele começou a enviar dinheiro, a primeira vez foram 200 euros. Uma semana depois, outros 100 euros. Só depois de várias remessas ele foi encontrá-la, na Espanha. E então mantiveram relações sexuais, apesar da decepção que ela sentiu quando, ao encontrá-lo percebeu que ele tinha quase 20 anos dos que afirmou ter no site. Na leitura da minha entrevistada, aquilo não era um *programa*, apenas *ajuda*.

No exterior, porém, a *ajuda* também possibilita a obtenção de recursos para inserir-se no contexto migratório. Antigos clientes se tornam amigos que *ajudam* as migrantes a deixar o trabalho na prostituição, contribuem na obtenção de empregos, viabilizam o aluguel de apartamentos e dão mesadas que lhes permitem estudar para tentar um futuro melhor. A *ajuda* envolve também casamentos que possibilitam a regularização do status migratório para mulheres que continuam oferecendo serviços sexuais ou que, ao contrário, deixam de fazê-lo ao casar. Nos termos de uma brasileira que oferece serviços sexuais em Barcelona:

Nessa época eu trabalhava, morava num hotel caro... quase 400 euros [por mês]. Quando eu conheci esse homem eu fui um dia na casa dele e eu pensei: É aqui que eu quero morar (risos) para dividir despesa e tudo. E aí ele se enamorou, e me chamou para ir morar com ele... Um ano depois casamos. Como a gente vivia bem ele falou: ‘Não, para te ajudar, casamos e você arruma os papéis’. E aí casamos.

Finalmente, a categoria *ajuda* remete também à contribuição econômica que os parceiros oferecem para sustentar as famílias dessas mulheres no Brasil. Nos termos de uma brasileira que reside em Milão, onde casou com um italiano que conheceu nos circuitos turísticos de Fortaleza: “O meu marido prometeu que enviaria dinheiro para minha filha no Brasil, todos os meses, e não falha nunca. Cada dia 15 envia 200 euros”.

E os sentimentos permeando esses relacionamentos recriam os afetos que permeiam os relacionamentos de *ajuda* no Brasil. Não se trata de ‘amor’ sensual, atravessado pela paixão, nem tampouco de puro ‘interesse’. O que está em jogo é a idéia de respeito, alimentada por gratidão pela disposição para contribuir com o seu sustento e o reconhecimento pelas oportunidades concedidas. Nesse ponto, as descrições dos sentimentos de esposas brasileiras de classes baixas que deixaram o trabalho sexual ao casar na Itália ou que ainda se dedicam a ele na Espanha são análogos:

Não estou apaixonada por ele... No primeiro mês... disse a ele que não gostava dele e que voltaria ao Brasil. Ele chorava e me pedia que esperasse. Mas, ele foi muito paciente e com essa paciência acabou me conquistando, [hoje eu] o respeito.

“Viu como é? Ele é bom. Eu estou bem com ele, não estou apaixonada. Mas, a paixão, isso passa, ele é bom, é alegre... gosta de festa, é companheiro”.

NOVA ORDEM GLOBAL, INTERESSES, AMOR E OCIDENTALIZAÇÃO

O material apresentado contribui para problematizar noções presentes no debate público, brasileiro e também internacional, sobre “turismo sexual” e sobre os deslocamentos para oferecer serviços sexuais no exterior. Mas, tentando considerar as implicações mais amplas desta análise, retomo as linhas de discussão teórica às quais aludi no início.

A primeira é a abordagem que traça nítidas distinções entre os mercados do sexo e do casamento, que é parcialmente atualizada em pesquisas atuais sobre temáticas e contextos marcados pelos efeitos da nova ordem global. Refiro-me a idéias produzidas várias décadas atrás por acadêmicos que fazem parte da escola de Bourdieu. Esse é o caso de Desroisières (1978), que no final da década de 1970 delineava as diferenças entre ambos “mercados”. Ele afirmava que não eram independentes, mas tampouco coincidiam. As relações situadas no mercado do sexo seriam exteriores ao casamento. Governadas pela libido e por relações inter-pessoais, seguiriam leis diferentes das que regem o casamento. Esse último seria a forma jurídica de um tipo de relação que, socialmente aprovada, se distancia da idéia de transgressão, constitutiva do mercado do sexo. E, num marco no qual a acumulação de capital material e simbólico possibilita o acesso masculino à sexualidade de um maior número de mulheres, para os homens de classes mais baixas, com menores recursos sociais e econômicos, o casamento se imporia para esses homens como única via de acesso à sexualidade feminina.

A partir do material que apresentei podemos problematizar essas formulações, que foram elaboradas tomando como referência a sociedade francesa da década de 1970, que aparece como fechada e marcada, sobretudo, por diferenças entre classes sociais. No século XXI, na transnacionalização dos mercados do sexo e do casamento, as fronteiras entre ambos parecem diluir-se, ao menos parcialmente, em contextos nos quais as esposas são escolhidas no mercado do sexo e nos quais a idéia de transgressão se introduz no mercado matrimonial. Refiro-me ao desafio a normas homogâmicas e homocromáticas, quando o casamento une pessoas em situações desiguais em termos do posicionamento estrutural dos países de origem, de classe social e de acesso à documentação e são afetadas por racializações que as afeta de maneira diferenciada.

Quando me referia às pesquisas atuais que analisam contextos marcados pelos efeitos da nova ordem global queria, porém, sublinhar outro ponto. Linhas teóricas como as de

Bourdieu (1972) e Desroisières traçam distinções entre os mercados do sexo e do casamento, mas jamais eliminaram a idéia de “interesse”, econômico e simbólico, do mercado matrimonial. Ao contrário, realizaram esforços para compreender como tradições culturais particulares desenvolvem princípios voltados para a reprodução social, que são interiorizados pelos agentes sociais. Tratar-se-ia de princípios que operam de maneira predominantemente inconsciente, mas incluem “cálculos”, segundo a classe social, voltados para assegurar a transmissão do patrimônio, permitindo a manutenção da família na hierarquia econômica e social, ou a reprodução da força de trabalho. Isto não exclui o afeto, nem sequer o “amor romântico”, só que esse amor não pode ser dissociado das estratégias matrimoniais.

Pensemos agora no trabalho de Viviana Zelizer (2009). Ele tem o mérito de enfrentar crenças generalizadas sobre a contaminação que o dinheiro supostamente produz no âmbito da intimidade, no entrecruzamento entre dinheiro/poder/sexo e afeto que, muitas vezes, se deslocam para o plano analítico. Entretanto, ao olhar para a tradição antropológica sobre estratégias matrimoniais percebemos que esses entrecruzamentos vêm sendo contemplados há muito tempo, embora não necessariamente em estudos centrados na intimidade.

Mas, é verdade que essa articulação produz aflição entre os pesquisadores, particularmente para os que estudam a globalização dos mercados matrimoniais. Essa aflição se expressa na persistência de uma radical separação entre mercados, do sexo e do casamento e dos elementos supostamente vinculados a eles, dinheiro e afetos. Os relacionamentos vinculados aos mercados do sexo são quase automaticamente reduzidos a esses interesses, particularmente ao dinheiro. E, ao contrário, há esforços por apagar qualquer traço de “interesse”, nos casamentos. Em seminários recentes deparei-me em mais de uma oportunidade com acadêmicos que estudam casamentos binacionais entre pessoas de países “pobres” e “ricos”, destacando com veemência que, por exemplo, os europeus entrevistados no Brasil eram turistas que freqüentavam praias vinculadas ao “turismo sexual”, mas eles não eram turistas sexuais ou que as garotas brasileiras entrevistadas no Rio trabalhavam em bares noturnos, mas não eram prostitutas. E, junto com essa insistência, apagam não apenas as dimensões do afeto, em alguns casos, e do “interesse” em outros, mas toda possibilidade de compreensão da diversidade de trocas sexuais, econômicas e afetivas.

Nesse sentido, a análise apresentada remete, nos cenários contemplados, à superposição parcial entre mercados do sexo e do casamento e à permanente interpenetração entre sexo, dinheiro e afeto, particularmente nos relacionamentos de *ajuda*, inclusive os que conduzem ao casamento, embora esses sentimentos não necessariamente remetam à idéia de “amor romântico”.

A segunda linha de discussão à qual aludi no início do texto é a idéia de que, no marco da crescente mercantilização dos afetos, se intensifica a noção de que as relações íntimas, física ou emocionalmente próximas, predominantemente vinculadas ao sexo, ao amor e ao cuidado, são compráveis ou vendáveis (Constable, 2009). Considera-se que esse processo mantém relações com a interconexão entre processos globais e locais. Os fluxos de pessoas do Sul em direção ao Norte propiciam a oferta de mão de obra barata para os serviços domésticos, de cuidado e sexuais nos países “ricos” (Hoschild, 2003). A migração de empregadas domésticas, babás, enfermeiras, trabalhadoras sexuais e esposas, para desempenhar serviços que no passado eram parte dos “papéis” domésticos de mulheres do Primeiro Mundo, teria lugar nos “circuitos globais da sobrevivência” (Sassen 2002), em relações de serviços marcadas pela precariedade e fragilidade da posição social das migrantes.

Levando em conta os universos de pesquisa aqui contemplados, considero que a crescente mercantilização dos afetos certamente contribui na inserção dessas mulheres, na Espanha, em setores de trabalho voltados para o cuidado, incluindo o trabalho sexual. Digo isso porque nos setores da indústria do sexo nos quais circulam minhas entrevistadas brasileiras, na Espanha, há uma demanda por serviços tidos como pessoais e carinhosos, associados a migrantes de certas nacionalidades, entre elas, as brasileiras. Mas, em termos das trocas sexuais e econômicas concebidas como *ajuda*, e isto envolve também as relações de conjugalidade, as narrativas das migrantes remetem, sobretudo, a re-configurações de interpenetrações entre afetos e interesses presentes no Brasil. E essas re-configurações fazem parte da construção de espaços de agência feminina, em esforços, não isentos de tensões, para obter através da *ajuda*, da convivência e dos casamentos um melhor posicionamento social e político em termos transnacionais. Considerando as desigualdades que afetam essas entrevistadas, várias parecem desafiar o seu destino social no Brasil, alargando, mediante os processos migratórios o leque de fornecedores de *ajuda*.

Finalmente, a última linha teórica de discussão com a qual é relevante dialogar é o debate sobre a “política global do amor”, na qual me interessa particularmente a maneira como a produção internacional que trata desse tema inclui as análises sobre o Brasil (Padilla et alii, 2007). Essas perspectivas escolhem o amor como lente para a análise social, considerando que possibilita uma leitura privilegiada da interação entre estruturas de ampla escala e a subjetividade, emoção e agência das pessoas. Essas leituras são interessantes porque pensam nos afetos, concedendo crucial relevância às diferenças e desigualdades sociais em termos de raça, classe e nacionalidade através das quais circulam noções vinculadas aos sentimentos.

Ao mesmo tempo, essas perspectivas estão particularmente interessadas na difusão de noções “Euro-americanas” sobre amor, categorias de intimidade, identidade e sexualidade e, nesse ponto, apresentam alguns problemas. Elas tendem a considerar apenas os fluxos de idéias no sentido “centro-periferia”, concedendo pouca atenção a outros circuitos de circulação de noções vinculadas a sentimentos¹². Esses estudos acabam exotizando “outras” culturas, classificando-as em função de seu suposto grau de “ocidentalização”, que se traduz na presença ou ausência do “amor euro-ocidental”. Estudos centrados no afeto ou na “falta” de amor-romântico em lugares como as favelas de Recife (Gregg, 2006), são integrados em coletâneas sobre recortes tão diversos como os afetos entre os Huli de Papua Nova Guiné e os Kalasha do Noroeste de Paquistão. Nessas discussões se considera que a difusão do amor romântico nesses diversos lugares é um índice não apenas de modernidade ou da difusão de concepções urbanas, mas também de “ocidentalização”.

Acho que a idéia de Ocidente presente nesses textos é questionável e, além disso, a utilização da presença do “amor” como operador classificatório dos relacionamentos merece uma reflexão. Minhas entrevistadas se integraram nos fluxos globais portando estilos de “habitus” afetivo/sexuais presentes em setores populares, em algumas regiões do Brasil. Elas não desconhecem o “amor romântico”, várias narram histórias de desesperado sofrimento por amor com estrangeiros com os quais os relacionamentos “não deram certo”, mas a maioria expressa de outras maneiras os sentimentos que as vinculam aos seus parceiros, particularmente nas relações de *ajuda*, inclusive as que conduzem ao casamento. Considerar que esses relacionamentos podem ser classificados e situados em alguma hierarquia a partir da “falta” do “amor” seria um problema, em termos antropológicos, análogo ao de atribuir às re-configurações, nos cenários transnacionais, de intercâmbios sexuais e econômicos tradicionais no Brasil, maiores riscos para as mulheres e menores margens de agência feminina.

¹² Este é um ponto interessante. Esses “outros” circuitos não têm sido ainda tratados nessa literatura, mas já foram objeto de estudo da produção sócio-antropológica que, analisando a globalização do cuidado, considera os sentimentos das *nannies* dos países do Sul pelas crianças que cuidam nos países do Norte. Uma das análises mais sensíveis é a realizada por Hoschild (2003). A autora afirma que, contrariamente à idéia dos empregadores que supõem que as babás amam “naturalmente” essas crianças como parte de sua cultura de Terceiro Mundo, com cálidos laços familiares, e ao contratá-las esperam importar a cultura nativa dos países pobres para suprir a carência de cuidado dos países ricos, o amor dessas babás se desenvolve no Primeiro Mundo numa confluência produzida na “nova ordem global”, na qual seus sentimentos são re-configurados no contexto migratório, incorporando aspectos da ideologia dos Estados Unidos sobre os laços entre mãe e filho, mas também em função de sua intensa solidão e do sofrimento pela falta dos próprios filhos.

BIBLIOGRAFIA

AGUSTÍN, Laura María, 2007, *Sex at the Margins, migration, labour markets and the rescue industry*, New York, Zed Books.

AGUSTÍN, Laura, 2001, “Mujeres inmigrantes ocupadas en la industria del sexo”, in Colectivo IOÉ (ed.), *Mujer, inmigración y trabajo*, Madri, Imerso.

AGUSTIN, Laura, 2005, *Trabajar en la industria del sexo, y otros tópicos migratorios*. Donosti, Tercera Prensai.

BERNSTEIN, Elizabeth, 2007, *Temporarily Yours. Intimacy, Authenticity and the Commerce of Sex*. Chicago, The University of Chicago Press.

BRASIL, Mariana: *Entre as fronteiras (O manuscrito de Sônia)*, São Paulo, Artemis, 2003.

BRITES, JUREMA - AFETO, DESIGUALDADE E REBELDIA. Bastidores do serviço doméstico, Tese de Doutorado, PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

CABEZAS, Amalia: *Economies of Desire. Sex and Tourism in Cuba and the Dominican Republic*, Philadelphia, Temple University Press, 2009.

CONSTABLE, Nicole (2009): “The Commodification of Intimacy: Marriage, Sex and Reproductive Labour”. *Annual Review of Anthropology* (38) pp. 49-64.

DESROISÈRES, Alain, 1978, “Marché Matrimonial et Structure des classes sociales”. *Actes de la Recherche em Sciences Sociale* (21), pp. 97-107.

DUARTE, Luis Fernando Dias: “A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções”, in PISCITELLI, GREGORI e CARRARA: *Sexualidades e Saberes, Convenções e Fronteiras*, , Rio de Janeiro, Garamond 2004, pp 39-81.

DUARTE, Luiz Fernando Dias (1987) Pouca vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas. In: LOPES, José Sérgio Leite (org), *Cultura e Identidade Operária: aspectos da cultura das classes trabalhadoras*, Rio de Janeiro, UFRJ/Marco Zero, pp. 203-226.

ENLOE, Cynthia. *Bananas, Beaches and Bases. Making Feminist Sense of International Politics*. London, University of California Press, 2000 [1989];

FONSECA, Cláudia: “A dupla carreira da mulher prostituta”. *Revista Estudos Feministas*, n° 1, 1996, pp. 7-33.

GASPAR, Maria Dulce: *Garotas de programa. Prostituição em Copacabana e Identidade Social*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.

GOODE William (1959) The theoretical importance of love. *American Sociological Review* Vol. 24, No. 1 (Feb), pp. 38-47.

GREGG, Jessica (2006) He can be sad like that: Liberdade and the Absence of Romantic Love in a Brazilian Shantytown, in: HIRSCH, Jennifer and WARLOW, Holly: *Modern Loves, The Anthropology of Romantic Courtship and companionate marriage*, University of Michigan Press.

GREGORI, Maria Filomena (prelo) : O erotismo nas lojas e os limites da sexualidade, in: CORRÊA, Mariza, org, *Gênero, corporalidades*, Campinas.

HOCHSHILD, Arlie Russell (2003): *The Commercialization of Intimate Life*, Berkeley, The University of California Press.

HUNTER, Mark, 2002, “The materiality of Everyday Sex: thinking beyond ‘prostitution’”, *African Studies* (61), pp 99-120.

- KEMPADOO, Kamala, 2004, *Sexing the Caribbean. Gender, Race and Sexual Labour*, Abingdon, Routledge.
- LIM, Lin Leann, 2004, "El sector del sexo: la contribución económica de una industria", in Raquel Osborne (ed.), *Trabajadoras del sexo: derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI*. Barcelona, Ediciones Bellaterra.
- MARCUS, George, 1995, "Ethnography in/of the world system: The Emergence of Multi-Sited Ethnography", *Annual Review of Anthropology* (24), pp. 95-117
- OLIVAR, José Miguel Nieto (2010) - Guerras, trânsitos e apropriações: políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre, Tese de doutoramento, PPGas Antropologia Social, UFRGS, 22 de abril de 2010.
- PADILLA, Mark, 2007a, *Caribbean Pleasure Industry. Tourism, Sexuality and Aids in the Dominican Republic*. The University of Chicago Press.
- PADILLA, Mark, HIRSH, Jennifer, MUÑOZ-LABOY, Miguel, SEMBER, Robert e PARKER, Richard (eds) (2007) *Love and Globalization. Transformations of Intimacy in the Contemporary World*, Nashville, Vanderbilt University Press, pp. 107-120.
- PAIM, Heloísa Helena Salvatti, 1998, : vivendo como amante dde um homem casado: entre a legitimidade e a ilegitimade das uniões extraconugais. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- PASINI, Elisiani, 2000: *Corpos em evidência, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo*, Dissertação de mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- PEREIRA, Amanda Gomes, 2010, "*UM BONDE CHAMADO AFETO*": DESCRREVENDO AS CONEXÕES NUMA CASA DE PROSTITUIÇÃO FEMININA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, Prof^a Orientadora: Dr^a Jurema Gorski Brites, Juiz de Fora, 2010
- PISCITELLI, Adriana, 2004, On Gringos and Natives, gender and sexuality in the context of international sex tourism. *Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology*, ano 1, n.1 in: <http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/vibrant/article/viewArticle/241>
- PISCITELLI, Adriana, 2007, Shifting Boundaries: Sex and Money in the Northeast of Brazil, *Sexualities*, Vol 10-4, pp. 489-500.
- PISCITELLI, Adriana, 2008, Tropical sex in a European country: Brazilian women's migration to Italy in the frame of international sex tourism. Translated by Miriam Adelman. *Estudos Feministas*, 2008, vol.4, special edition, http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?pid=S0104-026X2008000100003&script=sci_arttext.
- PISCITELLI, Adriana, 2008a, Between "Mafias" and "Help": building of knowledge on human trafficking. Translated by Thaddeus Gregory Blanchette. *Cadernos Pagu*, 2008, vol.1, special edition, http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0104-83332008000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=en
- PISCITELLI, Adriana, 2009 a, As fronteiras da transgressão, a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha, *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, n 1, pp. 177-201, in: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/SexualidadSaludySociedad>
- PISCITELLI, Adriana, 2009,Trânsitos: circulación de brasileñas en el ámbito de la transnacionalización de los mercados sexual y matrimonial, in: *Horizontes Antropológicos*. V 31, pp. 131- 137.
- PISCITELLI, Adriana, 2010, Between Trafficking Discourses and Sexual agency: Brazilian Female Sex Workers in Spain, in Tiantian Zheng: "Sex Trafficking, Human Rights, and Social Justice." Routledge.

PISCITELLI, Adriana, 2011, Actuar la brasileñidad? Tránsitos a partir del mercado del sexo. *Revista Etnográfica*, fev de 2011, vol 15 (1), pp 5-29.

SURFISTINHA, Bruna: *O doce veneno do Escorpião*, São Paulo, Panda Books, 2005.

THORBEEK, Susanne. Prostitution in a Global Context: Changing patterns. In: THORBEEK, Susanne & PATTANAIK, Bandana. *Transnational prostitution. Changing global patterns*. New York, Zed Books, 2002.

WEITZER, Ronald, 2000, *Sex for sale, prostitution, pornography and the sex industry*, New York, Routledge.

ZELIZER, Viviana, 2009, *La negociación de la intimidad*. México, Fondo de Cultura Económica.

RESUMEN

Poniendo en juego datos de diversas investigaciones que hice en el período 2000/2011, muestro como sexo, prácticas económicas y afecto se articulan en las experiencias de brasileñas que ingresan en los mercados globales heterosexuales del sexo, a través del turismo internacional y de la migración a países del Sur de Europa. Mi argumento es que en esos escenarios hay reconfiguraciones de prácticas y nociones difundidas entre las clases bajas y medias bajas en diferentes partes del Brasil. En la alteración de contextos, esas prácticas se modifican y las nociones vinculadas a ellas adquieren nuevos sentidos, en relaciones cuyas dinámicas son obscurecidas en la confluencia entre ideas que marcan el debate público y presupuestos presentes en algunas líneas teóricas. Me refiero a las discusiones que tienden a considerar las relaciones entre turistas extranjeros y brasileñas de clases bajas como prostitución y funden esa problemática, así como la migración internacional vinculada a los mercados del sexo con trata de personas para explotación sexual y para el casamiento servil.